

TRABALHAR HONESTAMENTE

*Hermógenes Harada**

Apresentamos aqui algumas idéias a respeito do modo de trabalhar do homem medieval. Como ponto de partida das reflexões, tomamos pequenos trechos de Francisco de Assis e de um dos seus primeiros companheiros, Fr. Egídio.

No testamento e na regra de S. Francisco encontram-se orientações aos seus frades em relação ao trabalho, que podem indicar um modo específico do homem medieval compreender a arte do trabalho. Um ponto central em seus escritos acentua que o trabalho deve ser feito *honestamente*.

Com base em dois textos, abaixo transcritos, de S. Francisco e de um texto do Beato Egídio de Assis, procura-se refletir a seguir sobre a compreensão medieval da arte do trabalho. Todo e qualquer trabalho é, para o homem medieval, o lugar de aprimoramento da arte de viver. Em toda atividade, há que se visar o aprimoramento do todo, a pertença e gratidão da grandiosidade da obra do criador. Mas há um modo adequado de adentrar e de apropriar-se desse modo-artesão de trabalho. Há que se trabalhar honestamente. Assim, é preciso refletir o que o homem medieval compreende por trabalhar *honestamente*.

E eu trabalhava com as minhas mãos e quero trabalhar. E quero firmemente que todos os outros irmãos se ocupem num trabalho honesto. E os que não souberem trabalhar o aprendam, não por interesse de receber o salário do trabalho, mas por causa do bom exemplo e para afastar a ociosidade (Francisco. *Testamento*).

* Transcrição de uma conferência proferida em cursos.

No veio inaugurado por Francisco, podemos ver também seus primeiros companheiros.

Encontramos, por exemplo, no livro *Frei Egídio – Homem santíssimo e contemplativo* – que conta a vida e os feitos de Fr. Egídio de Assis, a menção do mesmo conceito de trabalho, e a descrição de como, dia após dia, trabalhava honestamente com suas próprias mãos, e não aceitava dinheiro como pagamento, mas apenas outras coisas necessárias ao sustento. Longe de ser um retrocesso no tempo – comércio de troca – trata-se de um cuidado com outro tipo de crescimento.

Frei Egídio não se envergonhava de fazer qualquer trabalho vil, contanto que pudesse realizá-lo honestamente. No tempo da vindima, ajudava os homens na colheita de uvas. Levava-as também aos lagares e as esmagava com seus pés¹.

Ajudava os camponeses a colher nozes, e recebia em pagamento apenas nozes, que levava consigo e repartia com os pobres.

No tempo da ceifa, ia com outros pobres colher espigas abandonadas. E se alguém quisesse dar-lhe, de graça, uma porção de grãos, não queria recebê-los, dizendo: *Não tenho celeiros para guardá-los*².

Tanto Francisco quanto Egídio afirmam que é preciso trabalhar com as próprias mãos, trabalho braçal e trabalhar *honestamente*.

O texto da regra não bulada refere isso do seguinte modo:

Todos os frades, em qualquer lugar em que estiverem em casa de outros para servir ou trabalhar, não sejam mordomos nem chanceleres nem estejam à frente das casas em que servem; nem recebam algum emprego que cause escândalo ou produza detrimento para sua alma (Mc 8,36); mas sejam menores e submissos a todos que estão na mesma casa. E os frades que sabem trabalhar trabalhem e exerçam o mesmo ofício que sabem, se não for contra a saúde da

1. Vida de Frei Egídio – Homem Santíssimo e contemplativo. Santo André: Mensageiro de Santo Antônio. 2001, p. 91.

2. Id. Loc. cit. p. 91-92.

alma e puder ser feito honestamente. Pois diz o profeta: *Comerás os trabalhos dos teus frutos; és feliz e será bem a ti* (Sl 127,2); e o apóstolo: *Quem não quer trabalhar, não coma* (cf. 2Ts 3,10); e cada um fique na arte e ofício em que foi chamado (cf. 1Cor 7,24). E pelo trabalho possam receber tudo que for necessário, menos dinheiro. E quando for necessário, vão em prol da esmola como os outros pobres (Regra não bulada).

No texto, Francisco diz aos irmãos que sabem trabalhar, que o façam e exerçam aquela profissão que souberem, se não for contra a saúde da alma e puder ser trabalhado honestamente, pois como diz o profeta, *comerás os trabalhos dos teus frutos*. Aqui há algo que parece invertido, mas que é um ponto muito importante para tentar compreender o que o homem medieval compreende por *trabalhar honestamente*. Usualmente compreendemos isso invertido. Não estaria invertida essa informação? Vamos tentar compreender.

Comer os trabalhos dos frutos e o ser honesto

Em primeiro lugar, vamos tomar “comer os trabalhos dos teus frutos”. Trata-se de tradução literal. Não se costuma falar assim. A gente fala “comer dos frutos do trabalho”. Na oração eucarística, por exemplo, ouvimos “fruto da terra e do trabalho do homem...” Que diferença haverá aqui, nessa inversão? Ninguém come trabalho. Então, tentemos inverter a formulação para buscar compreender. Egídio ajudava os lavradores a colher as azeitonas e pisar as uvas. Mas o que significa a frase “quem trabalha come, quem não trabalha não come”? Acho que não quer dizer que quem não trabalha está proibido de comer. A afirmação deve estar ligada, de alguma maneira, com o modo de trabalhar. Todavia, ainda assim não dá para “comer trabalho...”

- Nós sempre pensamos o trabalho do seguinte modo: eu aqui e o trabalho lá. Como seria um trabalho em que ele próprio já fosse um alimento? Quando a gente está no trabalho de uma grande causa, por exemplo, não interessa se vai dar resultado ou não; o próprio trabalho já é satisfatório, já é gratificante, já é honroso; digamos,

um casal, se o marido trabalha, está fazendo o trabalho pela esposa, aquele trabalho já é fruto, já é gratificante, já é alimento para ele...

- Imaginemos o trabalho do camponês desse modo, não o camponês industrial, mas o camponês que cultiva e vende para viver, e não explora o outro. Será que ele não pensa assim: o fruto dá na ponta da árvore, mas, até que a árvore floresça e dê fruto, tem um trabalho enorme da árvore? Todavia, não só da árvore, mas do sol, da chuva, do clima e também do camponês. O camponês não é dono do fruto, ele é alguém que colaborou, trabalhou junto e, então, surgiu o fruto, e ele vende aquele fruto. Tentemos compreender como o homem medieval: quando se produzem azeitonas ou uvas, eu não sou dono dessas uvas e azeitonas; eu sou apenas um colaborador para que essa uva tenha surgido como fruto. Temos então a colaboração de Deus, do clima, da árvore, disso, daquilo... Talvez o medieval pense assim: o fruto tem seu trabalho. Quando personificamos tal fruto e vemos uma uva bonita, será que um São Francisco não diria: “uva, como tu trabalhaste”, e pensa “tu trabalhaste, mas não foste só tu que trabalhaste, Deus trabalhou contigo, aliás, ele fez a maior parte do trabalho, eu também ajudei a Deus etc.” Então, comer do trabalho do fruto talvez signifique que, se vou vender para comer, tenho de respeitar esse trabalho que o fruto fez. E, quando alguém explora o outro ou vende mais caro do que vale, só por mero interesse, então essa pessoa é desonesta...

Vamos dar um exemplo: tem pessoas, artistas, que fazem um trabalho muito bom. Fazem uma obra. E quando vem, por exemplo, um milionário, que aprecia seu trabalho, propondo: O senhor me vende esse quadro, porque é muito bom, e vou lhe pagar muito dinheiro. O artista responde: não posso vender esse quadro para o senhor. – Mas o Senhor vai ganhar muito dinheiro. – Não posso, porque esse quadro não é meu. – Então, não foi o Sr. quem pintou? – Fui. Mas a inspiração não vem de mim. Além do que, quem me ajudou muito para ter essa inspiração foi minha esposa. De modos que essa obra não é só minha. Por trás dela tem um enorme trabalho

de uma comunidade, como do céu e da terra. Portanto, esse fruto, que é concentração do trabalho, não posso fazer dele algo, não posso vendê-lo para lucrar. Todavia, posso dar o quadro ao Senhor, em troca de algo de que estou necessitando; pedindo ao Senhor que cuide bem dessa obra. Isso eu posso fazer. Nesse exemplo podemos ver, então, que, se alguém vive do trabalho, o que ele produz não é produto, não é produção, é participação na criação. Que brote como fruto, para isso, tem todo um trabalho, que é do próprio fruto. E é desse trabalho do fruto que eu vivo. Mas, para viver do trabalho do fruto, tenho que fazer como alguém que não é dono, que dignifica o fruto e não o usa para explorar ou lucrar. Não será esse modo de ser que se chama no texto de *honesto*?

Suponhamos outro exemplo, alguém que fabrica remédio. Séculos a fio, uma família de médicos se dedica à pesquisa de um remédio. Médicos dedicados à humanidade. Nesse serviço, num determinado período, um dos médicos descobre um remédio muito importante, que se torna o segredo daquele médico. Ele vai passando esse segredo de geração para geração. Mas passa-o com a seguinte recomendação: esse remédio é fruto, mas dentro desse fruto-remédio tem meu trabalho, mas também o trabalho de muitas gerações; está concentrado nele o trabalho de toda uma linhagem a serviço do povo. Entrego esse segredo a você, portanto, para que pesquise mais, para ir melhorando-o cada vez mais e depois o passe adiante. Mas não use esse fruto como produto de venda para lucro dos seus interesses. Você não pode fazer isso, porque não é seu. Você pode ter participação nele, mas não é dono. Agora, você pode viver do trabalho desse fruto, significa que todo esse trabalho feito por toda nossa raça, de alguma maneira, disso você pode viver. Significa: você pode comer dos trabalhos do fruto. Esse médico pode criar uma firma e vender o remédio; mas vende o mais barato possível, para todo mundo poder dispor do remédio de que necessita; fabrica-o, ao mesmo tempo, do melhor modo possível, para que tenha realmente efeito. Ainda podemos encontrar, hoje em dia, certos produtos assim; poucos, é claro, mas existem.

Essa atitude é *honesto* e digna de um trabalhador que participa da ação operária que o próprio Deus criador faz, Deus, o grande servo trabalhador. Então, esse provérbio que diz “quem não trabalha não come” significa bem mais do que aquilo que a gente entende à primeira vista: Seu preguiçoso, não trabalhou, não come, vai trabalhar! Encontramos ali uma compreensão totalmente nova e plena do que seja *trabalho*. O medieval, quando pensa no trabalho, pensa em participação no modo de Deus trabalhar. Deus criador não é o senhor dominador. Ele é o servo de toda humana criatura. Assim, eles compreendiam que, desde o cabelo de ouro dos anjos, até o esterco do chão, e o verme que está nele, tudo isso Deus está sustentando, trabalhando, elementarmente, braçalmente, corpo a corpo.

Ao dizer “creio em Deus pais todo poderoso, criador do céu e da terra”... o medieval não está pensando em poder de dominação. Poder é a competência artesanal do servo que serve. “Serve”, no sentido de que seu serviço é bom, “presta”.

Quando se encontra, por exemplo, um vendedor ou um trabalhador que é honesto nesse sentido, não passa na alma da gente uma espécie de um hálito refrescante, e se segue em frente mais contente e mais nobre? Não se sai de tal experiência como que tendo tido notícia de que o mundo está redimido? Trata-se de um tipo de experiência como quando, depois de ter sido enganado uma infinidade de vezes, de repente se encontra uma pessoa limpidamente honesta desse modo, que lhe diz, você está sendo enganado, pode deixar comigo, que eu cuido disso.

Temos a impressão, no entanto, de que, no mundo de hoje, acontece só e basicamente bem o contrário: cada um explora o outro como pode. Mas, se a gente pegar uma “lupa” e sair por aí, não só aqui no Brasil, mas pelo mundo a fora, observando com calma e precisão, será que a exploração é tanta assim? Ou será que não haverá um exército de gente honesta? Que trabalha elementarmente, corpo a corpo, sem ser notada? Será que não nos deixamos influenciar demais pela imprensa, pelas notícias?

Uma das primeiras coisas que me impressionou quando eu era estudante, que me deixou contente – no estrangeiro, a gente fica com medo de ser enganado por todo mundo, tem medo de pegar táxi etc. etc. –, ao chegar numa estação, carregado de malas e livros, sozinho não conseguia carregar tudo. Pedi a um carregador para ajudar. Quando lhe pedi quanto custava, ele disse “cinco”. Dei uma nota a ele e pensei que correspondia ao valor. Já estava dentro do táxi, quando ouvi alguém chamar, gritando; ele veio correndo. Era gordo, ofegava. Tinha ido até o jornaleiro trocar o dinheiro, e me trouxe troco de 50 pfenigs. Eu fiquei impressionado. Ele poderia ter embolsado o troco tranquilamente, pensando “é estrangeiro, nem vai notar, ligar”.

É o mesmo que acontece com Frei Egídio, por exemplo, quando ajudava os lavradores...

Temos que imaginar o lavrador desse tipo antigo, quando colhe azeitonas, colhe quase agradecendo à árvore. Existem também pescadores assim.

A *honestidade* não estará intimamente ligada com a percepção da comunidade universal? Com a percepção de justiça, no sentido de medida adequada? Então, deve estar ligada com pobreza, porque pobreza significa fazer uso das coisas, não como alguém que é dono, mas como alguém que participa da grande riqueza da doação de Deus. Se por exemplo você sobe numa árvore e corta o galho para poder tirar as maçãs, um Egídio diria: Não és honesto para com a árvore. E, contigo também, pois se estás trepado na árvore e não caís, é porque o Senhor sustenta o galho e te sustenta também. Egídio está vendo o todo, e não só a parcelazinha particular dele mesmo. Ele vê sempre o todo. A gente pode perguntar pela ligação existente entre essa concepção e o trabalho das uvas, por exemplo. Quando se pisa uva para sair o fruto, que é o vinho, aquele vinho não é fruto do meu trabalho. Quando digo que, se trabalho, tenho direito, não vejo o todo. Não, eu vivo do trabalho desse fruto. A uva tem todo um trabalho, com a colaboração de todo o mundo. O que posso

fazer é pedir emprestado a ela. Eu trabalhei contigo, então você me deixa viver um pouco de ti. E assim, comerás dos trabalhos do fruto. Será que o camponês honesto, quando colhe, não tem esse jeito de colher, de pisar?

Há um relato de um antropólogo que teria ido para Minas Gerais, a uma vila de pescadores, que moravam perto de uma lagoa onde havia muitos peixes. Esses pescavam de barco a remo. Apareceu uma turma de pescadores da cidade grande, com tarrafas, barcos a motor etc. Queriam fazer uma grande pescaria, junto com os pescadores, até para “ajudá-los”, e pediram a esses para que batessem na água e fizessem muito barulho para espantar os peixes para caírem na rede. Os pescadores disseram que não fariam isso. Com o trabalho daquele dia de pescaria, eles ganhariam mais do que ganhavam usualmente num ano de trabalho. Mas ninguém moveu um dedo. Disseram: peixe não é nosso, peixe é da lagoa. A gente pega o que precisa, para vender, trabalhar e viver, mas peixe não é da gente. Essas pessoas são maiores do que alguém que diz: peixe é o produto do meu trabalho. Para evitar isso, o latim medieval dizia “trabalho do fruto”, e nós não entendemos direito. Para nós, é “fruto do trabalho”, produto do trabalho, é meu, faço o que bem entendo. Uso como meio instrumento para explorar os outros etc.

- Então, o que é do homem, ali, é insignificante, é o mínimo; e quando se tem essa concepção, aquela outra frase também funciona: Comerás o pão com o suor do teu rosto. Só que nós colocamos como centro do trabalho o homem; o homem seria como o agente, como o dono e proprietário.

- O filósofo Heidegger tem um escrito que diz que o conceito fundamental do mundo de hoje é *o trabalhador*, e tem um livro chamado *O trabalhador*. Essa reflexão está ligada com Marx. Ele diz que é tarefa nossa, hoje, repensar essa categoria chamada *o trabalhador*. Heidegger parece ensinar que aquilo que Marx disse não é o que está pensando muita gente que se diz marxista. Que a intenção de Marx, como pensador, era resgatar a concepção de trabalho como

se tinha no início da criação. Para a pastoral operária, por exemplo, não basta só trabalhar com o operário; ela tem a grande tarefa de repensar, resgatar a concepção de trabalho e Fr. Egídio, no fundo, está fazendo isso. É por isso que Egídio trabalha muito bem. Quando ia colher nozes, cuidava para que a noqueira não fosse prejudicada. Mas, mesmo assim, procurava colher bastante. Então, o dono queria pagar-lhe mais, e ele não aceitava. Esse “mais”, eu não aceito. Porque esse mais pode viciar, criar cobiça.

Um dia, como de costume, voltando da floresta com lenha, encontrou uma mulher querendo comprar-lhe a lenha. Feito o acordo, levou-lhe a lenha até a casa. Vendo que ele era religioso, a mulher queria dar-lhe mais do que prometera. Ele, porém disse: *Não quero que me vença a cobiça*³.

Se eu criar cobiça, caio fora do grandioso plano dessa grande ordenação, de ser participante universal da obra do Senhor. Esse *mais* é o desonesto. A razão de não aceitar não é porque combinou uma coisa e depois receberia mais; é porque tem outra concepção do lucro. É a mesma concepção que no seguinte capítulo aparece quando diz “não receba pecúnia”, dinheiro, pois dinheiro sempre está ligado com especulação, não é coisa por coisa.

Então, é preciso comer o trabalho do fruto, e tem que usar com gratidão a remuneração.

Quando vai vender seu produto, o camponês pobre volta trazendo presentes para seus filhos, faz festa, contente; está cheio de gratidão. Mas, se vê seu filho jogar fora pão amassado, o chama e lhe diz: não pode jogar fora o pão, ajunta do chão! E, na refeição, diz: que negócio é esse de comer sem agradecer ao Senhor? E o filho, então, diz: “Pai, fomos nós que trabalhamos, por que agradecer? E, o pai: tua alma está ficando sem vergonha, sem respeito. Mas, olhando por outro lado, não se estaria ficando mais autônomo, mais gente? Não, na verdade se está ficando sem alma, está se perdendo a alma. Com

3. Vida de Frei Egídio, loc. cit. p. 91.

o tempo, quando essa atitude aumenta muito, nasce a agressividade. Agressividade e exploração criam dominação, exploração e falta de participação. No princípio, começa com uma mínima concepção distorcida do trabalho, mas que é fatal com o tempo.

História da macieira

Há uma velha história que pode ilustrar essa questão do trabalho dos frutos.

Havia uma aldeia pobre, muito pobre. Para ela, sempre vinha um negociante de maçãs, vender maçãs. Certo dia, como de costume, chegou à aldeia com uma carroça cheia de belas maçãs... mas, na carroça, já estava a inscrição: não vendo fiado! E vendia caro, e daqueles pobrezinhos, coitados, ninguém conseguia comprar. Então vinham aqueles meninos pobres, famintos, e por ali também passou um monge velho, pobre, magrinho, e pediu, pelo amor de Deus, uma maçã. O vendedor disse: Não! Não sou assistente social. Compra quem pode, fiado também não vendo. O monge velhinho chorava de tristeza. Então passou um rico, viu o monge chorando, ficou com pena e comprou uma maçã para ele. O velho monge tinha tanta fome que não repartiu com as crianças, devorou a maçã. Mas a semente, ele não comeu, cuspiu a semente. A semente caiu no chão e, quando olharam, brotou na hora uma macieira; cresceu num instante; floresceu e deu maçãs, uma mais bonita do que a outra. A criança, que assistia a tudo aquilo, caiu em cima e comeu até não ter mais; o monge comeu. O dono também comeu e disse: Que maçã gostosa! E disse para criança: junta a semente, e dá pra mim. A criança juntou e deu a ele: Toma tio, toma tio. Ele ficou contente, satisfeito. A criança foi embora, o monge também sumiu, o dono olhou para carroça ... estava vazia?! O monge havia hipnotizado todo mundo, fez pressentir que a carroça era a macieira e a criança comeu tudo.

Qual a moral da história? Quem é dono das maçãs? A macieira. É ela que diz a todo mundo: por favor, comam! Ora, o vendedor

honesto tem que saber dessa lógica. Se não conhece essa lógica, não é vendedor de maçãs, é explorador de maçãs.

O homem medieval compreende a natureza, Deus, a propriedade... assim, e o trabalho também. Mas quando uma pessoa, por exemplo, diz “eu não sou mais capitalista, para mim não tem mais propriedade. O que tem é trabalho” etc. Todavia, pode compreender o trabalho como sendo propriedade. E a coisa continua na mesma. De novo, entra uma hierarquia de eliminação. No socialismo acontece isso.

Com essa concepção, podemos compreender melhor o que segue no texto. “És feliz e será bem a ti”. Ser feliz é ser honesto desse jeito. *É bem a ti* significa isso lhe fará bem. Isso lhe dará saúde de alma.

O trabalho como arte, habilidade

“E cada qual permaneça naquela arte e ofício em que é chamado”.

“... Fazer obra”. Fazer obra era para o medieval uma arte. Para nós, a arte é *artístico*. Chamamos de arte, de artístico, por exemplo, à arte musical; mas também se diz “aquele irmãozinho só fica fazendo arte”, que quer dizer, “bagunça”.

Estando num lugar, certa vez, com muita sede, sentei num barzinho e pedi um refrigerante. Tenho costume de beber todo o refrigerante num gole. Com sede, não pensei em nada, tomei tudo num gole. Quando percebi, todo mundo estava olhando para mim. Pensei que era porque nunca tinham visto um japonês. Mas aí ouvi uma mulher dizendo: “Que artista.” Pensei: “mas que uso esquisito da palavra *artista*.”

Será que esse uso que fazem os cearenses da palavra *artista* não é o mesmo que o medieval entende por arte? Arte não é artístico, não é arteiro, arte é **habilidade**. Mas habilidade que não é um talento natural. Uma habilidade trabalhada por um longo tempo. Então, se diz que existe arte de viver, arte, habilidade de viver, conquistada,

bem trabalhada. Arte de plantar, arte de escrever..., toda e qualquer profissão tem que ser arte; é uma habilidade, uma competência útil, que serve. Uma habilidade conquistada, bem trabalhada. Significa, por exemplo, que o medieval compreende vida religiosa como arte. E, ao exercer uma profissão, ao ter um trabalho, a pessoa não tinha só o trabalho. Aquele trabalho que ele fazia era arte, habilidade, e essa habilidade estava intimamente ligada com o sentido de sua vida. Trata-se de uma grande experiência humana, muito interessante, pela qual, um lixeiro, um porteiro, um hortelão que era muito bom, considerava esse seu ofício como arte. Considerava isso como uma habilidade, e nessa habilidade, ele tentava também ser artista, quer dizer, artista do bem viver. Havia, então, pessoas, por exemplo, religiosos, que, em trabalhando na portaria, eram grandes mestres da espiritualidade. A portaria era o lugar onde ele exercia a arte de porteiro e ao mesmo tempo a arte de bem viver a vida religiosa. Significa que ele não estava restrito, simplesmente bitolado, àquela funcionalidade. Trabalho não é função, trabalho é lugar e exercício para se trabalhar a si mesmo na busca e aprendizagem do sentido de viver. Uma pessoa que exercia um ofício assim podia ser simplesmente alguém que só trabalha na roça, na horta, mas a sabedoria que adquiria da vida universal era muito grande. Através dessa compreensão universal, se estabelecia um canal de comunicação entre diferentes ofícios. Uma pessoa que rezasse, assim, que exercesse a arte de rezar, desse modo, e através de todo esse exercício chegasse a uma iluminação e sabedoria, podia falar do modo como rezava, do modo como trabalhar, a um artista, e embora rezar e pintar nada tivessem exteriormente em comum, o artista aprendia do religioso sobre o modo de como pintar. Mas, escutando o pintor contar sobre o modo como ele trabalha, o religioso aprendia a arte de rezar, e assim por diante. Acontece uma intercomunicação, sem sair de seu próprio ofício. Hoje também encontramos esse tipo de experiência. Será que não é assim, que na conversa com outra pessoa, cujo modo de ser externo é completamente diferente do seu, de repente você descobre certas coisas que você mesmo já experimentou em sua vida? E se surpreende dizendo, mas isso eu também já

experimentei. Vez por outra, é possível que cada um faça esse tipo de experiência de comunicação.

Como exemplo dessa intercomunicação, talvez sirva um episódio um tanto engraçado. No decorrer de um curso, em Minas Gerais, eu estava tentando montar uma apostila. Depois de muitas discussões, compilei as mesmas num caderno bem resumido. Uma irmã religiosa, que participava do curso, tinha um irmão que era vendedor de xampu. Aquela apostila acabou caindo nas mãos daquele vendedor. Ele começou a se interessar muito pela apostila, porque diz que o ajudava a vender xampu. Nós, espirituais, intelectuais, até nos sentimos um tanto “humilhados” com o fato. Mas, pensando bem, significa que a apostila estava direita, porque houve intercomunicação. Um dia talvez se pudesse chamar essa pessoa para fazer uma conferência sobre o modo de como estudar. Mas, seguramente, ele não iria falar sobre o estudo; falaria sobre o modo de como vender. Todavia, dá para entender.

O homem medieval era muito hábil. Quando Francisco diz “aprenda uma arte, um ofício” ... e quando usa a palavra *arte, ofício*, ele tem essa mentalidade. Significa que não é só um ganha-pão e, por isso, ele recomendava que se deve trabalhar bem, honestamente.

A honestidade está diretamente ligada com comunidade universal. A atividade que exerce no ofício que desempenho está ligada com a totalidade das relações humanas. É por isso que aprimorando a arte do trabalho honesto, o homem medieval se tornava mestre, não importando qual atividade exercesse. Mestre é alguém que aprendeu a aprender e onde quer que esteja e atue exercita esse aprendizado.